

## **FUTEBOL E COPA DO MUNDO: TODA ANÁLISE (PÓS) CRÍTICA É BEM-VINDA**

Pedro Xavier Russo Bonetto  
EMEF Olavo Pezzotti

### **Resumo**

O resumo em questão apresenta um relato desenvolvido no ano de 2018, em uma escola pública da rede municipal de São Paulo. A experiência pedagógica desenvolvida com os sextos anos do ensino fundamental – ciclo II, pautou-se no chamado currículo cultural de Educação Física (NEIRA; NUNES, 2006; 2009) e no documento oficial do município (SÃO PAULO, 2018). Nessa perspectiva, buscamos tematizar o futebol, estudando seus gestos, regras, táticas, técnicas e outros elementos a partir de contextos sociais, políticos e culturais. De uma forma bastante crítica, analisamos as características do evento da Copa do Mundo de Futebol de campo masculino e as instituições FIFA e CBF. Junto com as atividades na quadra, elaboramos uma hemeroteca com as reportagens sobre o evento, confeccionamos um álbum de figurinhas coletivo, brincamos de bolão, assistimos documentários e filmes sobre futebol. Já no fim do semestre, assistimos alguns jogos na escola, problematizamos questões como: aspectos econômicos envolvidos no futebol, as identidades nacionais, as questões de gênero no Brasil e em outros países e a possibilidade de analisar diversos marcadores sociais envolvidos com o esporte.

**Palavras-chave:** Futebol; Copa do Mundo; Educação Física.

### **Apresentação**

A experiência pedagógica aqui descrita foi desenvolvida na EMEF Olavo Pezzotti, escola municipal de São Paulo localizada no bairro da Vila Madalena. O relato tomou como referência as atividades elaboradas com os sextos anos, turmas A e B, do ensino fundamental embora outras turmas também tenham tematizado o tema “futebol e copa do mundo” e participado de atividades em comum.

A escolha do tema se deu no começo do semestre letivo, a partir da fala de alguns estudantes sobre o quanto gostavam de futebol e a expectativa que tinham do evento. Como havíamos elaborado experiências pedagógicas com brincadeiras, parkour e ginásticas no ano anterior a partir do chamado currículo cultural da Educação Física, alguns estudantes disseram que esse poderia ser o semestre ideal para o estudo do futebol.

Sobre o que chamamos de **currículo cultural** do componente é importante destacar que tal perspectiva já fundamenta a proposta municipal de São Paulo há três documentos curriculares. Em 2007, apareceu nas “*Orientações curriculares e proposição*

*de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física*”. Em 2016 manteve-se com do documento “*Direitos de aprendizagem dos ciclos interdisciplinar e autoral: Educação Física*”, e em 2017, aparentemente com uma roupagem menos crítica, foi lançado o “*Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Educação Física*”.

Ainda que sejam documentos bastante diferentes, desenvolvidos em gestões e contextos políticos completamente distintos, é importante ressaltar os esforços que os professores da própria rede fizeram, participando dos processos de elaboração das propostas, para que a concepção curricular baseada nas **práticas da cultura corporal – brincadeiras, danças, esportes, lutas, ginásticas e outras**, em suas abordagens mais comprometidas com os processos democráticos e com a transformação social pudessem ter uma continuidade.

Rompendo com a tradição que atribuía ao ensino da Educação Física uma característica exclusivamente prática, a ação pedagógica pautada nesta perspectiva cultural amplia o leque de possibilidades para a tematização não só da vivência motora, como também, dos diversos saberes e sentimentos relacionados às práticas corporais que se configuram como patrimônio da **cultura corporal** dos diversos grupos que constituem a sociedade contemporânea. (SÃO PAULO, 2007; p. 34, **grifo nosso**).

Defende-se aqui como função social da Educação Física, assim como a da escola em geral, a superação da função reprodutora do processo de socialização, promovendo a emancipação e a humanização por uma sociedade cada vez mais justa e democrática. Por meio do estudo, das vivências, da investigação e da reflexão crítica acerca dos diferentes elementos produzidos pela **cultura corporal** e pela cultura em geral, brasileira e de outros povos, os estudantes poderão produzir seus conhecimentos, ampliando, criticando e ressignificando de forma a alterar e intervir no processo cultural. (SÃO PAULO, 2016; p. 21-22, **grifo nosso**).

O acesso às manifestações da **cultura corporal** pressupõe que, por meio de vivências, estudos, pesquisas e debates, os estudantes acessem as diversas produções culturais e seus usos sociais vinculados aos jogos e brincadeiras, aos esportes, às danças, às ginásticas, às lutas e a demais práticas corporais do patrimônio material e imaterial da humanidade, bem como àquelas presentes e trazidas pelo próprio grupo e por outros grupos sociais e também por outros povos, sejam no tempo espaço ancestral e/ou contemporâneo. Um dos objetivos é entrar em contato e alargar o conhecimento e a cultura dos estudantes sobre si e sobre os outros. (SÃO PAULO, 2017; p. 124, **grifo nosso**).

Nessa perspectiva, absolutamente amparado pelos documentos oficiais do município, considerando os apontamentos advindos do Projeto Político Pedagógico da

unidade escolar, que versa especificamente sobre uma educação mais solidária e próxima das questões dos direitos humanos, buscamos desenvolver, professor e alunos, uma experiência curricular que tematizasse o futebol, seus gestos, regras, seus contextos políticos, históricos, os discursos circulantes, suas desigualdades, elementos excludentes, a relação espúria com o aspecto econômico, a corrupção característica das suas entidades representativas, mas que, sobretudo, demonstrasse o quanto esta prática pode ser bela, atraente e emocionante no âmbito da nossa cultura.

Aliás, nossa compreensão é de que o currículo pautado nas teorias pós-críticas considera e problematiza a partir das representações alusivas às práticas corporais, as questões de etnia, classe social, gênero, sexualidade, local de moradia, habilidade, entre outros marcadores identitários. Estes devem ser, obrigatoriamente, analisados a fim de que as identidades, sendo elas significadas positiva ou negativamente, sejam desconstruídas por meio de uma análise das relações de poder que às engendram. Essa foi a nossa tentativa e fundamentação. Foi daí que pensamos o subtítulo deste relato – “toda análise (pós) crítica é bem-vinda.

Deste modo, ainda no início da experiência curricular, registrando os principais significados que os alunos tinham sobre este esporte. Começamos com jogos bastante livres, eles iam jogando, reclamavam, discutiam regras, táticas e a organização na elaboração dos times. Logo nas primeiras aulas, pediam para o professor apitar, montar a equipe e chamar atenção dos colegas.

Ainda neste começo, a partir do que pensamos sobre o tema elencamos alguns objetivos iniciais, dentre eles:

- Participar das aulas cujo tema é futebol atribuindo-lhe valores estéticos;
- Compreender o futebol a partir de suas características esportivas, tais como forma de organização, número de participantes, regras e estratégias;
- Compreender o futebol enquanto manifestação histórica, social e política, praticada por determinados grupos culturais;
- Reconhecer as dificuldades e facilidades pessoais e coletivas nas práticas esportivas, propondo soluções que facilitem a inserção de todos na vivência;

Depois de algumas aulas assim, fomos a sala de aula e o professor solicitou que eles dissessem sobre as regras do jogo. Nosso registro coletivo ficou assim:

- 1) Os jogadores não podem pegar a bola com a mão, apenas o goleiro dentro da área.
- 2) Qualquer tipo de agressão é falta.

- 3) Falta dentro da área é pênalti.
- 4) Gol é quando a bola passa da linha das traves.
- 5) Ganha a partida quem fizer mais gols.
- 6) A bola não pode sair de campo. Se sair pela lateral é arremesso lateral do time adversário, se sair pela linha de fundo é escanteio ou tiro de meta se foi o time adversário que chutou.
- 7) Se algum jogador fizer uma falta média recebe cartão amarelo, mas se fizer uma falta grave ou receber dois cartões amarelos ele é expulso com cartão vermelho e está suspenso da próxima partida.

Conforme foram falando, observamos por exemplo que a maioria crianças não sabiam quase nenhuma regra. Poucas foram as que contribuíram descrevendo-as, ainda que algumas dissessem apenas que “não vale bater”, “não vale chutar”, “não pode empurrar”, etc. Nas aulas subsequentes, em vários lances, parávamos o jogo e comentávamos sobre a jogada e a regra do jogo que estava acontecendo. Vimos sobre o lateral, sobre as faltas, o escanteio e o tiro de meta que neste momento ainda pareciam muito complicado para algumas crianças.

Na aula seguinte, alguns alunos que foram ajudar a pegar os coletes e bolas na sala de Educação Física viram uma mesa de futebol de botão e tiveram a ideia de levar para a quadra para que usássemos na explicação das regras. Chegando lá, vários alunos identificaram que era o campo era muito diferente da nossa quadra. Além do tamanho apontaram que um é de grama e outro de cimento, um tinha área grande e pequena área. Revisamos as regras faladas na aula anterior e continuamos jogando com times mistos<sup>1</sup>.

Nesta época, um aluno também nos trouxe o DVD “Fifa Futebol O Melhor do século”, que mostra a propagação do jogo, desde a fundação da federação em 1904 até a inclusão e crescimento do futebol juvenil e feminino internacional. O documentário chamou muita atenção dos estudantes, principalmente quando exibia os grandes craques como Puskas, Pelé, Ronaldo e Maradona. Além do contexto histórico que era bem evidente no tema do documentário, quando vimos o ex-presidente da entidade Joseph Blatter, o professor parou filme e explicou que em 2015 ele saiu da presidência da FIFA acusado de corrupção e enriquecimento ilícito de um valor que girava em torno de 290

---

<sup>1</sup> É importante destacar que fizemos inúmeras aulas “práticas” na quadra. É comum, que muitos leitores de relatos de prática na perspectiva cultural fiquem mais atentos às atividades de análise e crítica, pensando assim que nesta perspectiva curricular a vivência da prática seja menos importante. Não é verdade. Pensamos aqui que as análises andam juntas com as vivências, uma não acontece sem a outra.

milhões de reais. E que além dele, outros tantos funcionários da entidade sempre estavam metidos em escândalos desse tipo, alguns inclusive estavam presos.

Diante das inúmeras aulas da vivência de futebol, íamos discutindo os elementos sobre a própria prática do esporte, suas regras, fundamentos, formas de competir e a participação de cada um no jogo. Obviamente as questões de gênero chamaram muita atenção nestas atividades. Disseram que estavam acostumados a jogar dividindo os times por gênero, ou seja, meninos e meninas jogando separadamente. Desse modo, ficaram surpresos quando não tomamos este critério na elaboração dos times, mas percebi que aos poucos as meninas iam saindo dos times mistos até que sobrava apenas os meninos.

Em uma das aulas expus a questão. Disseram que não tinham problema em jogar com as meninas, disseram que elas iam saindo porque gostavam menos de jogar, enquanto que as meninas alegaram que gostam sim de jogar e que abandonavam do jogo porque os meninos não tocavam a bola. Desenvolvendo a análise os meninos disseram também que não tocavam a bola porque as meninas eram ruins. Como exceção citaram duas meninas de cada turma que na opinião deles eram muito boas.

Buscando problematizar este aspecto, perguntei para os alunos e alunas o porquê que “geralmente” os meninos jogam melhor do que as meninas. As meninas prontamente afirmaram que nem todas jogam pior, mas que normalmente suas famílias e amigos costumam dizer que futebol é coisa de menino. Algumas relataram que em certos momentos das suas vidas, onde estavam brincando com bola, junto com meninos ou fazendo outras práticas esportivas foram interdidas e ouviram que aquilo não era coisa de menina. Foi impactante o relato pessoal das meninas contando episódios sobre isso. Já os meninos disseram que, de modo geral, sempre foram bastante estimulados a jogar, pular, correr e que suas famílias não se importavam se eles se machucavam. Pensamos então, que essas diferenças eram elementos importantes da diferença de habilidade entre as pessoas.

Nas aulas subsequentes mostrei para as turmas três matérias sobre as questões de gênero no futebol. A primeira era sobre as jogadoras do time do Corinthians que em busca de patrocinadores destacaram frases machistas no uniforme

Embora a luta por reconhecimento e espaço sejam reais, a falta de patrocínio é o que tem levado times de grande expressão a cessarem completamente suas atividades por falta de apoio. Por isso, um dos propósitos da ação é convidar

empresas a se unirem à causa e calarem o preconceito ao cobrirem as frases de ódio estampadas na camisa ao se tornarem patrocinadoras do time<sup>2</sup>.

A segunda matéria era sobre um canal de televisão à cabo que estava procurando uma narradora de futebol do sexo feminino, fato que nunca aconteceu no nosso país.

Pela primeira vez na história a Copa do mundo terá narração feminina no Brasil. O torneio que rege nossa paixão futebolística existe desde 1930, mas desde então, nem em rádio, nem em televisão, houve mulheres com a oportunidade de narrar um jogo do Mundial. Essa história pode começar a mudar em 2018. A Fox Sports terá um canal específico com a presença feminina em comentários e em narrações e transmitirá os jogos da seleção brasileira com vozes de mulheres no comando. Isabelly Moraes, Renata Silveira e Manuela Avena foram as narradoras selecionadas no processo seletivo “Narra Quem Sabe”, que escolheu três entre as seis candidatas previamente selecionadas para participar de dois meses de treinamentos e testes para narrar jogos da Copa<sup>3</sup>.

Por fim, a terceira reportagem falava sobre as mulheres no Irã que não podiam assistir jogos de futebol nos estádios.

No início do mês passado, outro episódio chamou a atenção no Irã quando 35 mulheres “ousaram” entrar no estádio para um jogo de futebol e foram detidas pela segurança. Segundo as autoridades iranianas, elas não foram presas, mas foram “detidas até que pudessem ser encaminhadas para um local apropriado”. Desta vez, para não correrem risco de perderem o jogo, torcedoras iranianas optaram por se vestirem de um jeito em que seriam “aceitas” no estádio. Barbas por fazer, perucas desajeitadas e um olhar feliz de quem finalmente tinha conseguido o que tanto queria: torcer para o Persepolis na arquibancada, sentindo o coração pulsar no ritmo dos 68 mil torcedores que ali estavam<sup>4</sup>.

Lemos as reportagens, os alunos e alunas fizeram muitos comentários, alguns/algumas se indignaram dizendo que o tratamento com as mulheres era muito injusto e que dentro da escola precisaríamos pensar em ações que fossem menos excludentes com as meninas.

A partir das matérias lidas na aula anterior e com a proximidade com o evento da Rússia pensei em elaborar um registro do tipo hemeroteca<sup>5</sup> com as reportagens sobre a

---

<sup>2</sup><https://www.b9.com.br/90033/caleopreconceito-time-feminino-do-corinthians-usa-camisa-especial-contr-o-machismo/> Acesso em: 12/04/2018.

<sup>3</sup> <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/06/12/pela-1a-vez-copa-tera-narracao-feminina-o-que-vem-depois/> Acesso em: 12/04/2018.

<sup>4</sup> <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/04/30/torcedoras-iranianas-se-disfarcam-de-homens-para-poderem-entrar-no-estadio/>. Acesso em: 30/04/2018.

<sup>5</sup> Coleções de jornais, revistas, periódicos e matérias em série.

Copa do Mundo. Fizemos um grande cartaz bem grande de papel *craft* no pátio interno da escola, lá os alunos e alunas deveriam colar reportagens de jornal ou revista, previamente recortados, lidos e resumidos para a turma.

Desse modo nossas aulas foram se organizando, primeiro nos reuníamos, aqueles que tinham feito a atividade mostravam os recortes para os colegas, explicavam resumidamente o tema das reportagens e depois colavam na nossa hemeroteca. Conforme o evento se aproximava o número e os assuntos sobre a Copa do Mundo da Rússia foram aumentando. Primeiro trouxeram reportagens sobre os amistosos da seleção, depois sobre a lesão do Neymar e aos poucos os temas foram contemplando aspectos históricos, como os uniformes da seleção nos mundiais anteriores, os jogadores de outras gerações, comparações com as edições anteriores, entre outras.

Apareceram reportagens sobre os jogadores da seleção, a formação do time e as preferências do técnico Tite, a lesão do lateral Daniel Alves, a recuperação de Neymar, a preparação e os locais de treinamento durante a copa, a finalização da construção dos estádios russos, os grupos de cada uma das seleções, o chaveamento até a final e a data e horários dos jogos. Aos poucos também surgiram reportagens mais polêmicas sobre o evento e o país sede – Rússia. Em uma delas o texto mostrava que apesar de proibidos por lei, durante a Copa, seria permitido o uso de símbolos e itens das comunidades LGBT nos estádios<sup>6</sup>. Outra reportagem versava sobre um aviso do Itamaraty aos turistas brasileiros sobre a intolerância e homofobia típicas do povo russo<sup>7</sup>.

Em um dia notamos também que os alunos e alunas começaram a falar e a trazer o álbum de figurinha do evento. Rapidamente virou uma febre na escola. Das turmas do primeiro ano até os nonos anos. Trocavam as figurinhas na escola, exibiam seus álbuns e também batiam as figurinhas. Em certa ocasião, alguns alunos nos deram algumas figurinhas repetidas e perguntaram se que poderíamos colar na hemeroteca. Pensando que talvez na hemeroteca não tivesse lugar para tanta figurinha, tivemos a ideia de elaborar um álbum coletivo, colado na parede, onde todos pudessem contribuir colando suas figurinhas repetidas ou que não iam fazer falta. Um álbum veio junto com o jornal, outro uma professora doou, desmanchamos e colamos na parede formando as seleções.

Quanto mais próximo do evento, mais apareciam com as reportagens para a hemeroteca e com as figurinhas para o álbum coletivo. Conforme as aulas iam

---

<sup>6</sup><https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/03/russia-permitira-simbolos-lgbt-durante-a-copa-do-mundo.shtml>. Acesso em: 18/05/2018.

<sup>7</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44403975>. Acesso em: 15/05/2018.

acontecendo íamos usando os dois recursos visuais para aprender mais sobre o esporte e sobre o evento na Rússia. Em uma ocasião os alunos receberam coletes para a formação dos times da cor verde e disseram que eram da “*Saudi Arabia*”, pois era assim que estava escrito no álbum, com o nome das seleções em inglês. A partir disto, vimos também os demais nomes, *tal como: Germany, Croatia, Iceland, France, Iran, e Brazil* com “z”.

Ainda a partir do álbum, os estudantes se atentaram para questões como: algum motivo (geralmente lesão) fez com que alguns jogadores que estavam no álbum não estavam na equipe que ia jogar na copa; comentamos também sobre os craques de cada equipe, sobre a identidade dos jogadores, sobre os jogadores brasileiros naturalizados que iam jogar em outras seleções, a língua falada por cada país, a localização geográfica, entre outros. Outro aspecto que chamou muito a atenção das crianças foi o nome dos jogadores, que em alguns casos parecia muito estranho para eles, em outros viram coisas comuns como o uso do “Al” no nome dos jogadores da Arábia Saudita<sup>8</sup> e a terminação com “ic” dos nomes croatas<sup>9</sup>.

Diante da ampliação dos temas que vimos se desenvolver na experiência curricular em questão, registramos nos planos de ensino outros objetivos para os nossos estudos:

- Identificar as práticas discursivas presentes no futebol que reforçam pejorativamente a certas identidades nacionais, de raça, gênero, sexualidade, idade, dentre outras;
- Analisar as reportagens jornalísticas, programas televisivos, crônicas esportivas, e a publicidade sobre o futebol e o evento da Copa do Mundo de futebol masculino.

Nesse ínterim dos nossos estudos, fomos perguntando para os estudantes sobre os fundamentos do jogo, tais como passe, diferentes tipos de chute, cabeceio, carrinho e os diversos dribles. Conforme alguns alunos e alunas iam descrevendo, nos reuníamos em grupo e experimentávamos os gestos. Quem sabia mais se responsabilizava por ensinar e ajudar os que sabiam menos. Durante algumas aulas, aqueles alunos que já tinham participado de aulas de futebol em escolinhas nos ensinaram alguns exercícios de fundamento do futebol. Com cones e muitas bolas fizemos essas atividades que vemos na

---

<sup>8</sup> Exemplos: Yahya Al Shehri, Salman Al Faraj e Mohammed Al Burayk.

<sup>9</sup> Exemplos: Subasic, Pivarić, Mitrovic, Modric e Kovacic.



televisão os jogadores fazendo nos treinamentos. Fizemos isso por várias aulas também, junto com a leitura das reportagens e em outros dias com os jogos em equipes mistas.

No fim do semestre começaram os jogos, vimos na escola a breve abertura e os três jogos do Brasil que foram em dias de semana. Apesar de muitos preferirem assistir os jogos com a família, algumas crianças foram para a escola. Lá projetamos o jogo pelo sinal de televisão e fizemos pipoca. Nos dias dos jogos os alunos iam de amarelo ou de camisetas da seleção e comentavam empolgados sobre a expectativa dos jogos. É importante destacar que momento percebemos que as opiniões e análises já contavam com muitos conhecimentos discutidos nas aulas.

Uma vez, conversando com os alunos e alunas, alguns disseram que tinham conversado com o professor de informática da escola sobre um “bolão” que estávamos participando. Queriam aprender como funcionava e quais os resultados nós tínhamos acertado. Explicando como funcionava, muitos alunos e alunas disseram que os pais e familiares também brincavam disso e sugeriram que fizéssemos um com as pessoas da turma. Então passamos a tabela de jogos na lousa e os alunos registraram os resultados em folhas de caderno<sup>10</sup>. Foi interessante notar que muitas crianças não sabiam, por exemplo, o que era “placar” ou ainda apostaram em resultados muito difíceis de acontecer, como 8 x 1, 10 x 1, 5 x 5, 11 x 0, etc.

Em uma das aulas um estudante trouxe outra reportagem bastante importante. Tratava do tema do machismo no futebol a partir da generalização do termo Copa do Mundo. A partir dessa leitura arrumamos o título da nossa hemeroteca incluindo a Copa do Mundo de Futebol os termos “de Campo Masculino”<sup>11</sup>

Certo dia, após o primeiro jogo na escola alguns alunos e alunas vieram comentar que uma das professoras não gostava de Copa e que estava torcendo contra a seleção brasileira. Disseram que o professor declarou que o futebol e a Copa eram coisas que encobriam a realidade social e que o povo estava todo “ferrado” porque os políticos se aproveitavam disso. Além disso, disse que quando era criança nunca era escolhido para jogar e que isto foi traumático. Nesta ocasião, percebi que eles e elas estavam bastante divididos, pois apesar de gostarem do evento e do esporte concordavam com a fala do professor. Abrimos a discussão com os demais colegas da turma, e discutimos que

---

<sup>10</sup> Obviamente o prêmio não valeria dinheiro, mas me propus a distribuir mais doces no final da brincadeira para os que conseguissem acertar mais.

<sup>11</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/nome-correto-e-copa-do-mundo-de-futebol-masculino-diz-professora.shtml> Acesso em: 10/06/2018.

realmente o futebol é um esporte que em seu âmbito mais profissional é bastante excludente. Eles deram vários exemplos. Disseram que na escola também é comum que pessoas menos habilidosas sejam excluídas e impedidas de jogar.

Sobre o evento, ponderaram que apesar de ser promovido por instituições bastante envolvidas em corrupção, era um evento apaixonante. Concordamos que era possível gostar de futebol e não gostar de excluir dos colegas e que era possível assistir e torcer pelo Brasil na Copa e ainda assim se manter crítico contra alguns aspectos sociais e culturais envolvidos.

### **Avaliação das atividades desenvolvidas**

Alternando aulas com mais vivências e outras com análises, debates, leituras e discussões pensamos ter abordado muitos elementos da temática do futebol de campo masculino e do evento da Copa do Mundo da Rússia.

Foi interessante perceber que mesmo diante do contexto social bastante difícil o evento ainda é algo que mobiliza muito a atenção e o interesse da população brasileira. Muitos alunos e alunas estavam verdadeiramente envolvidos com o evento. Usavam uniformes da CBF, pintaram as ruas de verde e amarelo e se animavam muito no momento de assistir aos jogos. É importante destacar que partimos do princípio de que isso acontecia, obviamente por todo apelo midiático e publicitário, mas que se não fosse o futebol seriam outras práticas culturais. Aqui recusamos a crítica que o futebol simplesmente aliena ou mascara uma suposta realidade. Ao contrário, pensamos em desenvolver o pensamento (pós) crítico a partir da tematização do esporte, mostrando por exemplo que ele a partir de suas mais simples significações está diretamente relacionado com aspectos políticos e sociais.

Diante deste quadro, além dos gestos, regras, formas de competir e outros elementos mais técnicos do esporte, comentamos e problematizamos assuntos bastante relevantes com vistas à formação de sujeitos solidários e capazes de analisar criticamente a nossa sociedade. Isso ficou claro observando as leituras e colagens das reportagens que os alunos e alunas trouxeram para a elaboração da hemeroteca.

Sobre o nosso álbum coletivo, lembro-me de um episódio que um aluno retirou mais de dez figurinhas e colou no álbum dele. De repente uns cinco alunos vieram contar para o professor sugerindo que ele fosse rigorosamente punido. Quando conversamos, o aluno disse que não sabia que não podia retirar e que não teria feito por mal. Obviamente

compreendemos que se por um lado retirar as figurinhas que outros colegas colaram com o objetivo de contribuir com a confecção de um álbum coletivo, um álbum que estaria disponível para todos e todas da escola, por outro, sabemos que o preço das figurinhas, a vontade de colecionar e completar o álbum fazia com que muitos estudantes se sentissem tentados à retira-las. Conversamos sobre isso nas aulas, calculamos por exemplo que em média era necessários mais de trezentos reais para conseguir a quantidade de figurinhas do álbum e que além disso, contando que algumas delas seriam repetidas, o colecionador iria precisar trocar ou bater figurinhas para completar. Por isso, destacamos em um cartaz ao lado do álbum que ele era uma construção coletiva, para aqueles que já estavam colecionando pudessem contribuir com suas repetidas, que de jeito nenhum estávamos solicitando que comprassem figurinhas, nem que precisaríamos necessariamente completá-lo.

No fim do semestre elaboramos também uma atividade avaliativa como uma prova. Os alunos receberam algumas reportagens sobre o tema da Copa do Mundo que relacionavam contextos de machismo, racismo, homofobia, preconceito e assédio como aquele praticado por torcedores brasileiros em uma mulher russa. Eles precisaram analisar e comentar sobre o que estava sendo problematizado na matéria. Aqueles que não conseguiram escrever puderam fazer sua análise oralmente e dessa forma conseguimos bons argumentos e discursos.

Percebemos que de forma geral o posicionamento dos estudantes estava muito mais elaborado do que os discursos triviais, pouco fundamentados que alguns apresentavam no início da experiência curricular. Isso de certa forma nos deixou bastantes satisfeitos com o trabalho entendendo-o sempre como algo relativo, que afeta positivamente alguns e outros nem tanto, mas que reconhecendo as limitações procurou contribuir com a formação (pós) crítica dos alunos e alunas.

### **Referências Bibliográficas**

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física.** – São Paulo: SME / DOT, 2007.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Direitos de aprendizagem dos ciclos interdisciplinar e autoral: Educação Física.** – São Paulo : SME / COPED, 2016.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.  
**Currículo da Cidade:** Ensino Fundamental: Educação Física. São  
Paulo:SME/COPED, 2017.